



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

O laço e a tatuzeira: técnicas de caça e reflexões éticas no sertão cearense

Autoria: Jorge Luan Rodrigues Teixeira (UVA - Universidade Estadual do Vale do Acaraú)

Esta comunicação objetiva discutir o uso e os significados atribuídos a duas armadilhas de caça no sertão cearense: o laço e a tatuzeira. Embora trate brevemente de alguns aspectos da confecção de tais armadilhas, o foco do work é o processo técnico da prática venatória em si, assim como as ambiguidades e reflexões éticas propiciadas por aqueles dispositivos. O work de campo que subsidiou a escrita deste work foi realizado em dois períodos diferentes (em 2013 e entre 2015 e 2019) em diferentes localidades rurais de dois pequenos municípios do Sertão dos Inhamuns. Os interlocutores, todos eles do sexo masculino, são moradores? (trabalhadores rurais agregados) e pequenos proprietários rurais que têm na caça uma forma de lazer e de sociabilidade, mas que, sobretudo em um tempo de antigamente? marcado pelo sofrimento e pela pobreza, conta(va)m decisivamente com as matas e seus tatus, pebas, veados, codornizes, jacus, etc., para alimentar as suas famílias. Pode-se dizer que, de forma geral, os sertanejos com quem estudei lançam mão de três grandes técnicas cinegéticas: a caça (1) por perseguição? com cães (a mais praticada), (2) por espera? fazendo uso de espingardas e (3) com armadilhas. Entretanto, essa classificação é mais complexa do que fiz ver, pois, por um lado, o uso de uma técnica específica pode suscitar ou exigir o emprego de outra(s): caititus, por exemplo, são caçados na companhia de cães, de espingardas e, eventualmente, de



lanças improvisadas. Por outro lado, os encontros, seja em uma caçada ou não, com diferentes bichos e seus vestígios, rastros e passagens podem ensejar futuramente o emprego de armadilhas como a tatuzeira e o laço. Enquanto a primeira é uma armadilha de recipiente (nos termos de André Leroi-Gourhan) utilizada para capturar vivos tatus e tatus-pebas, o segundo é empregado para capturar veados e leva, inevitavelmente, à sua morte. Em um primeiro momento da comunicação, descrevo o processo venatório que faz uso de tais armadilhas com especial atenção para as interações entre esses artefatos, os humanos, os animais e o ambiente. Em seguida, partindo de reflexões de diferentes caçadores, discuto as controvérsias sociotécnicas e os dilemas éticos suscitados por tais dispositivos, seja em razão do seu mal funcionamento, da velhaquice de alguns espécimes caçados, do seu uso excessivo, ou mesma da displicência dos caçadores no trato com os bichos brutos. Por fim, cabe ressaltar que este work é um exercício exploratório de diálogo entre a Antropologia da Técnica e a Antropologia da Ética.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: